

66ª Reunião Anual da SBPC ocorre na Ufac em julho



Allen Ferraz/Ascom-Ufac

▲ **Em cartaz.** Apresentação de material gráfico oficial de divulgação da 66ª Reunião Anual da SBPC

As atenções do meio científico nacional estarão voltadas para a Ufac. De 22 a 27 de julho ocorre, no campus de Rio Branco, a 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), cujo tema é “Ciência e Tecnologia em uma Amazônia sem Fronteiras”.

Durante os seis dias do evento, a Ufac acolherá uma vasta e variada programação científica, com mesas-redondas, simpósios, exposição de pôsteres, minicursos e oficinas, além de atrações culturais na área da música, do teatro e do cinema, com ênfase nos elementos regionais. Esta edição da Reunião Anual da

SBPC acontece no ano em que a universidade do Acre comemora 50 anos de história e 40 anos de federalização.

A Ufac prepara-se para sediar esse que é considerado pela comunidade acadêmica o maior e mais importante evento da ciência do Brasil. **EVENTO/PÁGS. 6 E 7**

Ufac reforma núcleos em municípios

Núcleo da Ufac em Xapuri, onde funcionam os cursos de Pedagogia e Biologia, foi reformado com instalação de aparelhos de ar-condicionado, pintura dos prédios, substituição de móveis e janelas. Brasília terá o campus Fronteira do Alto Acre, em área de 1.500 metros quadrados, uma obra orçada em mais de R\$ 1,7 milhão. O núcleo em Sena Madureira também será reformado. O valor dessa reforma é de R\$ 620.456. **INTERIORIZAÇÃO/PÁG. 5**

Projetos do Arboreto constarão em publicação nacional

Portfólio a ser produzido pela Associação ProScience publicará projetos do Arboreto da Ufac. Trata-se de experiências bem sucedidas e realizadas com agricultores do assentamento Humaitá, bem como ações do Parque Zoológico (PZ) da universidade acriana. Assessoras da ProScience, Simone Bazarian e Maria Rosa, estiveram no Estado para registrar os experimentos que deram certo. **ECOLOGIA/PÁG. 4**

Residência estudantil é garantida para alunos do interior

O reitor da Ufac, Minoru Kinpara, assinou, em janeiro passado, contrato para construção da residência estudantil no campus de Rio Branco da Ufac. Prevê-se que a obra será concluída em um ano. O prédio terá 40 apartamentos de 27 metros quadrados cada, para atender a alunos de baixa renda que residem no interior do Estado. **INFRAESTRUTURA/PÁG. 3**

Nattércia Damasceno/Ascom-Ufac



Aline Nicolli, professora da Ufac

Pedagoga elabora tese sobre conceitos de vida e morte

ENSINO/PÁG. 12

Laboratório de Paleontologia destaca-se em Cruzeiro do Sul

Arquivo/Ricardo Negri



35 espécimes catalogados servem para aulas práticas

O Laboratório de Paleontologia do campus Floresta, criado em 2005, tornou-se referência nessa área de estudo. É coordenado, desde 2010, pelo professor Ricardo Negri, que, com sua equipe, coleta fósseis em 25 sítios paleontológicos no Vale do Juruá. Os fósseis encontrados passam por processo de restauração e são expostos em duas salas, abertas à visitação escolar e pública. **CIÊNCIA/PÁG. 9**

Allen Ferraz/Ascom-Ufac



Edufac celebra aniversário com atrações culturais **PÁG. 5**

Aluno da Ufac dedica-se à arte visual **ESTUDO/PÁG. 8**

Entrevista com professor Flávio Lofêgo **PÁG. 11**

ARTIGO



Do senso comum e seus males

◀ **DALMIR FERREIRA**

É da natureza do homem comum não questionar sobre os grandes problemas de seu tempo. Sempre amparado na autoridade de outras pessoas, seu comportamento é o de um boi na manada, como vive hoje o dito "cidadão decente" acomodado em seu bem-estar.

Essa inércia intelectual é o que caracteriza o homem comum, pois ele efetivamente tem suas próprias opções e adota os padrões tradicionais de sua manada porque está convencido de que este é o procedimento correto e, portanto, mais adequado para exercer seu bem-estar, muito embora esteja sempre apto a mudar de idéia e, em consequência, seu modo de agir, desde que seja convencido de que tal mudança servirá melhor a seus interesses.

Desse entendimento depreendem-se dois traços essenciais que caracterizam o homem comum: a passividade intelectual e a sujeição das idéias à comodidade pessoal ou a busca do conforto psicológico.

Ao jovem, lhe concedemos a ilusão de que, ao aderir à moda e atitudes de sua geração, estará cres-

cendo, ao invés de adverti-lo que ele o está fazendo por inércia ou por buscar segurança psicológica. O resultado é que lhe inculcamos o mais perverso dos conformismos, renovando ainda mais o imenso rebanho de homens de senso comum.

O homem não se liberta do "espírito de rebanho" de que falava Nietzsche, simplesmente por passar de um rebanho mais velho para um rebanho mais novo. Nesses termos, ele apenas transita com sua "carga" através do tempo e do espaço, figurante inexpressivo da história evolutiva da humanidade, vítima de sua cômoda alienação.

É, também, nesse contexto acomodado, onde a vida da cultura se degrada porque nega ao homem a afirmação de sua vida genérica, convertendo o trabalho humano ao regime reificado e único da satisfação das necessidades imediatas.

Assim, a luta contra essa situação alienada e nociva deve ser a meta principal de todo ser humano, mas certamente isso só acontecerá na

medida em que a própria cultura possa contribuir para uma efetiva conscientização sobre o problema. As mentes mais evoluídas e já libertadas dessa alienação devem, portanto, assumir o compromisso inadiável do enfrentamento a esse problema que faz do homem de senso comum um ser que não cresce, nem contribui para o crescimento de ninguém.

Mormente nas periferias do nosso país, essa infeliz classe prolifera com mais vigor, ora em partidos famintos de poder, como numerosa massa de manobra que assegura a eterna e fácil sobrevivência de populistas e suas pobres idéias, como em infelizes procissões de fiéis seguidores de alguma religião e suas eternas promessas de salvação.

Essa gente e sua mentalidade, que tem atravessado os tempos, nasceram pra ser número, passando de geração a geração essa vida de gado, garantindo a sobrevivência de um senso comum nocivo ao ser humano, que pouco tem a contribuir para nossa evolução.

◀ Artista plástico, poeta e historiador; membro da Academia Acreana de Letras, cadeira 22.



Convite para o conhecimento

Toda a comunidade universitária sabe que ainda estamos no segundo semestre letivo de 2013, o qual será concluído somente no princípio do próximo mês de maio. Nossa expectativa é a de que o semestre letivo e o calendário gregoriano sejam sincronizados brevemente, a exemplo da maioria das instituições da rede federal de educação superior.

No atual semestre letivo, tivemos a satisfação de iniciar o curso de Psicologia. Para o primeiro semestre letivo de 2014, da mesma forma, nosso contentamento não é diferente, com o início do curso de Letras-Libras (Língua Portuguesa), que foi aprovado em dezembro de 2013.

Aproveitamos a oportunidade, também, para convidar todos os docentes, discentes, técnico-administrativos e a comunidade externa para a 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que acontecerá no campus da Ufac de Rio Branco, no período de 22 a 27 de julho. Participarão desse evento os mais importantes e reconhecidos cientistas brasileiros de todas as áreas do conhecimento. Como bem se refere a diretoria da SBPC, a Reunião Anual é "o maior evento científico do Brasil".

Na 66ª Reunião Anual, além da tradicional programação científica (com conferências, mesas-redondas, pôsteres), da SBPC Jovem e Mirim e da SBPC Cultural, duas novidades serão lançadas aqui no Acre, com grandes expectativas: a reunião das cinco principais sociedades científicas mundiais (Europa, Estados Unidos, Índia, China e Brasil) e o Dia da Família na Ciência.

Estamos confiantes na realização de um grande evento, ocasião em que recepcionaremos participantes de todo o Brasil e do exterior. Por isso, contamos com a colaboração da comunidade universitária para que possamos sediar essa importante reunião no nível que ela merece, de modo a elevar ainda mais o nome da nossa universidade.

Minoru Kinpara, reitor da Ufac.

Expediente

Ufac Hoje
 Editor: Francisco de Moura Pinheiro (MTB-AC 085)
 Redação: Aquinei Timóteo, Francisco Dandão, Glauco Capper, Márcio Chocorosqui, Nattércia Damasceno
 Fotos: Allen Ferraz, Francisco Dandão, Glauco Capper, Nattércia Damasceno
 Revisão: Márcio Chocorosqui
 Projeto gráfico e diagramação: Antonio Queiroz
 Impressão: Gráfica e Editora Estrela
 Tiragem: 3.000 exemplares
 Distribuição gratuita

Ufac
 Reitor: Minoru Kinpara
 Vice-reitora: Guida Aquino
 Assessor de comunicação social: Aquinei Timóteo
 Ufac • Campus Rio Branco
 BR 364, km 4 • Distrito Industrial
 Caixa Postal 500 • 69920-900
 Rio Branco-AC
 www.ufac.br
 ascom@ufac.br

EDUCAÇÃO

Ufac terá residência estudantil para alunos do interior

Reitor assinou ordem de serviço para construção de prédio de 4 andares, que terá 40 apartamentos de 27 m² cada

Moradia beneficia estudantes de baixa renda que residem em municípios do Estado do Acre distantes da capital

1. GLAUCO CAPPER
glauco.kp@gmail.com

O reitor da Ufac, Minoru Kinpara, assinou, no dia 8 de janeiro, o contrato para construção do prédio da Residência Estudantil da Ufac, no campus Rio Branco. A residência assegurará moradia aos estudantes provenientes de famílias de baixa renda do interior do Acre, regularmente matriculados em um dos cursos de graduação da instituição.

A obra tem previsão de um ano para ser concluída e terá 40 apartamentos de 27 metros quadrados cada. O prédio terá quatro pavimentos com dez apartamentos, sendo dois para portadores de necessidades especiais, além de uma guarita, área de lazer e casa de estudo.

Estudante de Engenharia Florestal, Roberta da Rocha optou por esse curso e, por não tê-lo em Boca do Acre, sua cidade, veio para Rio Branco estudar. “No começo fiquei preocupada sem saber para onde iria”, revelou ela, lembrando que muitos conhecidos seus já haviam desistido da faculdade por não ter onde morar. Essa experiência também foi vivida por Pedro Ferreira, que veio realizar um curso técnico e resolveu prestar vestibular, obtendo aprovação. “Não dá para estudar direito quando se mora em uma casa com crianças pequenas”, afirmou ele, que reside na cidade de Feijó.

Semelhantemente, o acadêmico Wilker Nazareno deixou o município

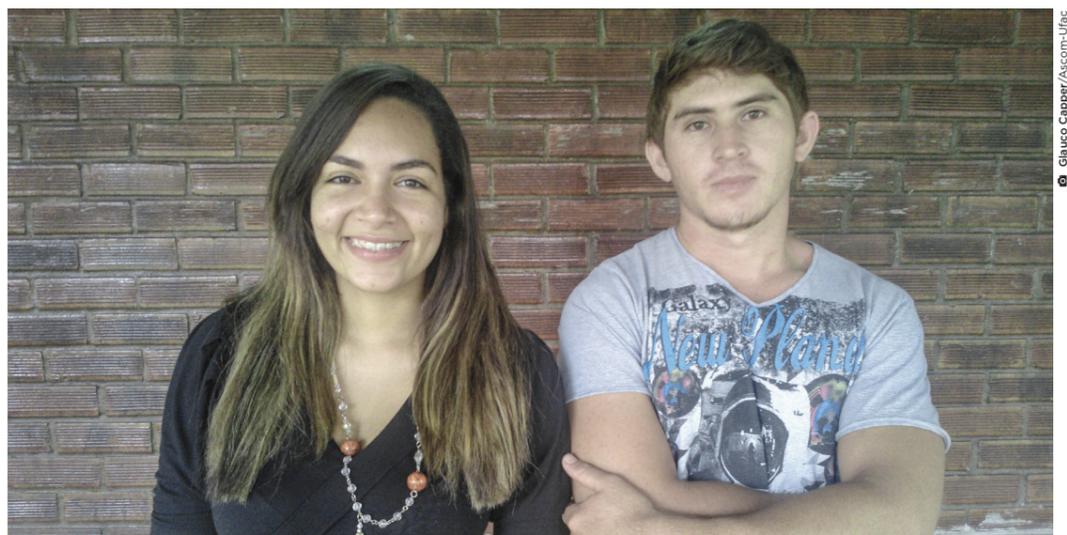
de Assis Brasil para estudar na capital. Hospedado na casa de uma conhecida, ele conta que no início foi difícil, oneroso e, ainda, precisou enfrentar a longa distância entre sua casa e a Ufac. “Quando se está na casa de outra pessoa, não se poder exigir nada. Também há barulho na hora de estudar”, relatou Nazareno, referindo-se a dificuldades que enfrentou para seguir o curso.

A Ufac concluiu, recentemente, ações importantes, como a climatização de 100% das salas de aula dos “campi” de Rio Branco e Cruzeiro do Sul. A medida tem um impacto positivo no ensino dos alunos da instituição. “Ar-condicionado não é luxo, é uma necessidade em nossa região”, disse o reitor da Ufac.

Motivada a melhorar e facilitar as condições de aprendizagem, a administração superior da instituição decidiu reformar a Biblioteca Central, direcionando investimentos para climatização, reestruturação predial, compra de novos livros, troca de pisos e reforma de banheiros.

Outra obra que vai beneficiar diretamente os estudantes da Ufac é a reforma do Restaurante Universitário (RU). De acordo com o projeto de engenharia desenvolvido por arquitetos da instituição, o novo RU contará com um segundo piso, onde haverá uma cozinha e um refeitório, bem como cantina, banheiros e rampas para acesso de portadores de necessidades especiais.

“Ao final dos trabalhos, o RU poderá atender mais de 300 pessoas ao mesmo tempo”, informou Jorgeardini, arquiteto da Ufac.

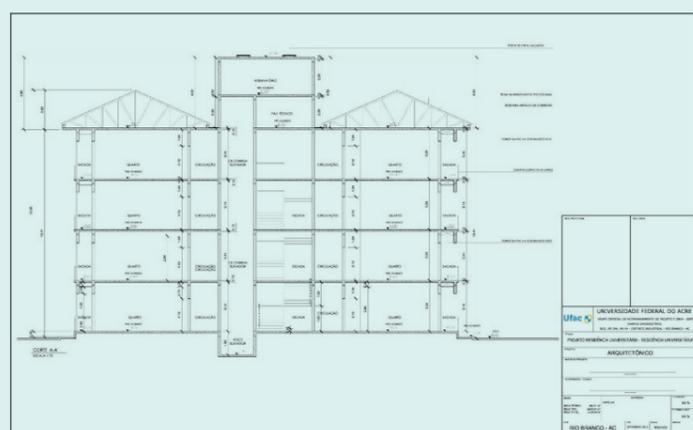


▲ **Moradia na Ufac.** Roberta da Rocha, de Boca do Acre, e Pedro Ferreira, de Feijó, serão beneficiados



▲ **Residência estudantil.** Prancha fachada

▶ **Residência estudantil.** Prancha corte



Quando se está na casa de outra pessoa, não se poder exigir nada. Também há barulho na hora de estudar

Wilker Nazareno
universitário que reside em Assis Brasil

▼ **SUSTENTABILIDADE**

Projetos do Arboreto da Ufac farão parte de publicação nacional

Portfólio a ser produzido pela Associação ProScience mostrará experimentos de sucesso em restauração florestal

PZ da Ufac e áreas agrícolas do Humaitá tornaram-se modelos de reflorestamento, sem uso de queimadas e agrotóxicos

1. GLAUCO CAPPER
glaucokp@gmail.com

O Arboreto e um grupo de agricultores ecológicos da reserva do Humaitá, em Porto Acre, terão suas experiências com restauração florestal e recuperação de pastagens degradáveis transformadas em portfólio até 31 de julho deste ano. Como um dos sete setores do Parque Zoobotânico (PZ) da Universidade Federal do Acre (Ufac), o Arboreto tem o objetivo geral de desenvolver pesquisa e educação agroflorestal para comunidades tradicionais do Acre.

O subcoordenador do Arboreto, Tadeu Melo da Silva, inscreveu os projetos realizados pela Ufac com grupos de produtores rurais, mediante preenchimento de questionário no blog “Água Brasil” (www.blogaguabrasil.com.br). Desse modo, recebeu a indicação para participar do portfólio, que será produzido pela Associação ProScience, empresa de consultoria contratada pelo “Programa Água Brasil”, que é uma parceria entre a Fundação Banco do Brasil, o WWF-Brasil e a Agência Nacional de Águas (ANA) para descrever as experiências bem sucedidas nos biomas brasileiros.

Dos dias 16 a 23 de setembro, a Ufac recebeu Simone Bazarian e Maria Rosa, da Associação ProScience, que visitaram o PZ e o assentamento do Humaitá, registrando as experiências que serão publicadas no portfólio, publicação que conterá uma coleção de experimentos que deram certo, relacionados à restauração florestal.

No PZ, os projetos foram iniciados há 33 anos por técnicos do Arboreto, e na propriedade do agricultor Valdir Silva, localizada a 29 quilômetros da capital acriana, há 11 anos.

Plantando o futuro

O seringueiro que virou fazenda na década de 80 foi desapropriado e doado à universidade, transformando-se, assim, no Parque Zoobotânico (PZ) da Ufac. O desafio: reflorestar a região para torná-la um vasto campo de pesquisa. Na época, a área doada era de, aproximadamente, 110 hectares, com pouca mata nativa e bastante espaço desmatado. Para reflorestar aquele campo de criação de gado, era preciso ter estratégias e ideias que pudessem trazer benefícios no decorrer do tempo.

Técnicos do Herbário iniciaram a produção de um grande volume de mudas de espécies florestais, para que a ação se tornasse possível. Para isso, foram plantadas cerca de 138 espécies de árvores, que seriam



▲ **Em campo.** Maria Rosa e Simone Bazarian, da ProScience; Tadeu Melo da Silva, subcoordenador do Arboreto; Valdir Silva, agricultor do Humaitá; e Flavio Quental, do WWF-Brasil (da esq. para a dir.)

experimentadas em projetos de pesquisa no PZ.

Com a divisão da terra em vários setores, o parque foi sendo povoado por mudas de diversas espécies de árvores, iniciando, assim, os primeiros experimentos analisados ano a ano. Para José Cláudio, chefe do Viveiro da Ufac, durante esses anos houve algumas dificuldades. “A maior delas diz respeito ao controle florestal, para que se tivesse a real noção dos resultados alcançados”, lembrou.

Hoje, o PZ é a maior área verde do perímetro urbano de Rio Branco, com cerca de 165 hectares, podendo chegar a mais de 210 hectares de mata de regeneração. Com grande biodiversidade ecológica, o parque realiza projetos de manejo de ecossistemas, sendo um sítio de referência em educação, ensino e pesquisa.

“Incrível como a diversidade de espécies se comportaram bem ao longo desses anos”, comentou Simone Bazarian, durante uma pequena excursão a um setor do parque, onde se pôde verificar a dimensão da restauração da mata no local, com vegetação variando de palmeira real a árvores de lei, como mogno e muitas outras.

Conhecimento e ciência: experiência de sucesso

Para o agricultor Valdir Silva, os projetos do Arboreto acolhidos em sua propriedade rural foram muito além de um experimento: eles representaram a mudança e o sucesso alcançado até hoje.

Em 1992, Silva foi tomar uma vacina contra febre amarela e ouviu no rádio notícia sobre a distribuição de terras que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

(Incra) estava realizando. Ele conquistou seu lote entre mais de 3 mil inscritos e foi assentado no quilômetro 29 da estrada de Porto Acre.

Quando chegou ao assentamento do Humaitá, a única atividade realizada por lá era a coleta do látex por seringueiros da região, atividade que foi encerrada com a divisão das terras feita pelo Incra e sua distribuição aos agricultores. Afinal, estes, como novos proprietários, não permitiam mais que seringueiros passassem por suas terras para extrair o látex.

Silva começou a desmatar parte de sua terra. De acordo com ele, levava aproximadamente uma hora e meia para cortar uma árvore usando terço ou machado. Seu objetivo era preparar o roçado para plantar mandioca, com a qual produzia farinha para vender nas feiras em Rio Branco, a preços “de ocasião”, como ele mesmo descreveu. “O povo não pagava o que valia, mas o que eles queriam”, recordou, acrescentando que o preço não aumentava e que eram muitas as reclamações sobre a farinha: “Não prestava para eles. Quando diziam que estava fina, fazíamos grossa. Então diziam que estava muito grossa e queriam farinha fina”.



▲ **Sucesso.** Valdir Silva, assentado no km 29 da estrada de Porto Acre

As dificuldades enfrentadas por Valdir Silva eram muitas e as mesmas enfrentadas por outros trabalhadores rurais. Produtos como feijão, armazenados em tambores, estragavam com o tempo, devido à falta de escoamento. Utilizava-se ônibus como meio de transporte para levar os produtos à cidade. Em ramais sem condições de trafegabilidade, por causa das chuvas, o ônibus atolava e era preciso retornar com a produção agrícola, que acabava se deteriorando.

A perda dos produtos, como a farinha, entre outros motivos, levou Silva a aceitar a implantação dos projetos de restauração florestal que a Ufac disponibilizou aos proprietários de terra do assentamento Humaitá. “Foi a melhor coisa que eu fiz”, ressaltou ele, ao mostrar como estão os resultados implantados pelos técnicos da universidade em meados de 2002. Além da restauração florestal, os Sistemas Agroflorestais (SAFs) trouxeram-lhe uma nova visão de aproveitamento, preservação e conservação da floresta.

Produção sem queimadas e agrotóxicos

Após a implantação das técnicas levadas pelo Arboreto, a fauna e a flora começaram a recompor-se naquele espaço. “Voltamos a ver capivaras e tatus, coisa que já fazia tempo que não se via”, comentou Silva. Novas possibilidades começaram a surgir naquela região. João Bosco, técnico do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), participa desde o início do projeto no Humaitá. “Quando começamos, todos os dias estávamos cavando, plantando, medindo...”, disse. “Isso em todas as propriedades que os agricultores toparam reflorestar”.

Há mais de dez anos sem utilizar queimada em sua terra, Silva exibe as técnicas levadas pelos profissionais da universidade e mantidas até hoje, como a adubação verde, com utilização de leguminosas, tipo o feijão-de-porco e a mucuna-preta (feijão-da-florida), para conter a invasão do capim e

manter o solo úmido e fértil por todo o ano.

Sem utilizar fogo nem agrotóxicos, a propriedade de Valdir Silva é um exemplo de preservação e restauração florestal que atraiu o olhar do “Programa Água Brasil”, pela capacidade de restauração que teve nos últimos anos. Simone Bazarian e Maria Rosa, da Associação ProScience, conheceram a área reflorestada onde, no início do projeto, Valdir Silva limpou e deixou descansar por três anos.

Após esse período, ele plantou direto da semente. Quase dez anos depois de o Arboreto contribuir com mudas, mão de obra e conhecimento, é possível perceber diversas espécies de árvores em sua terra: castanheiras, que já produzem; diversas palmeiras (como a pupunha), que lhe proporcionam uma considerável renda; madeiras de lei; coqueiros, entre outras.

O analista de conservação do “Programa Amazônia” do WWF-Brasil, Flavio Quental, também participou do processo de implantação dos projetos do Arboreto no assentamento do Humaitá. Segundo ele, o Vale do Rio Acre, no leste do Estado, faz parte do arco do desmatamento na Amazônia brasileira, compondo um cenário que evidencia a necessidade de alternativas na construção de um desenvolvimento regional em bases mais sustentáveis.

“As experiências do Parque Zoobotânico da Ufac e do grupo de agricultores ecológicos do Humaitá de Porto Acre são exemplos bem sucedidos de restauração florestal, gerando informações e conhecimentos valiosos para o reflorestamento de áreas de preservação permanente e reserva legal das propriedades, com objetivo de diminuir o passivo ambiental na região”, declarou ele.

‘Programa Água Brasil’

Quatro instituições se uniram em prol de um projeto comum para trabalhar e incentivar a sustentabilidade no Brasil. A Agência Nacional de Águas (ANA), o Banco do Brasil, a Fundação Banco do Brasil e a organização não governamental World Wide Fund for Nature (WWF-Brasil) criaram o “Programa Água Brasil”, uma iniciativa estruturada em quatro temas: “Projetos Socioambientais”, “Comunicação e Engajamento”, “Mitigação de Riscos” e “Negócios Sustentáveis”.

De acordo com o blog “Água Brasil”, essa iniciativa conjunta cumpre o objetivo de “desenvolver e disseminar novas tecnologias sociais que permitam estimular formas de produção mais sustentáveis no campo, e mudar comportamentos e valores em relação ao consumo consciente e tratamento dos resíduos sólidos nas cidades”.

▼ OBRAS

Núcleos da Ufac no interior são reformados

Universidade investe nos municípios de Xapuri, Brasileia e Sena Madureira para atender alunos de graduação

Em Brasileia, destaca-se a construção do campus Fronteira do Alto Acre, orçado em R\$ 1,7 milhão, em área de 1.500 m²

1 NATTÉRCIA DAMASCENO
natterciad@gmail.com

O ano de 2013 foi marcado por obras na Ufac. Além das construções e investimentos no campus de Rio Branco e de Cruzeiro do Sul, ocorreu uma revitalização estrutural nos núcleos do interior do Estado. A Ufac está presente no interior há 15 anos e já chegou a oferecer cursos nos 22 municípios do Acre. Com a conclusão das turmas e cursos temporários, foi necessário reformular a oferta.

“Assumimos a administração da universidade com o compromisso de fazer uma interiorização de modo permanente”, lembrou o reitor Minoru Kinpara. “Uma de nossas decisões administrativas foi a de, primeiro, reestruturar fisicamente alguns municípios”. O núcleo de Xapuri, criado em 1992, foi reformado com instalação de condicionadores de ar, pintura dos prédios, substituição de móveis e janelas. Nesse município funcionam os cursos de Pedagogia e Biologia.

Em Brasileia, está sendo construído o campus Fronteira do Alto Acre. O prédio, de dois pavimentos, contará com salas de aula, sala ambiente com capacidade para 110 alunos, oito salas de professores, salas administrativas, sala de reuniões e midioteca, em aproximadamente 1.500 metros quadrados. A obra está orçada em mais de R\$ 1,7 milhão, verba proveniente de emendas parlamentares do deputado federal



© Nattércia Damasceno/Ascom-Ufac



Assumimos a administração da universidade com o compromisso de fazer uma interiorização de modo permanente

Minoru Kinpara
reitor

Sibá Machado (PT-AC) e tem previsão para ser entregue neste ano.

O atual núcleo funciona no centro da cidade, em um prédio cedido pela prefeitura, desde a década de 1980. Em Brasileia são oferecidos os cursos de Matemática e Pedagogia, pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

O núcleo de Sena Madureira também passará por reformas. O valor da obra é de R\$ 620.456. De acordo com o contrato, serão efetuados serviços de pintura, substituição de pisos, instalações elétricas, telefônicas e lógicas. Esse núcleo foi criado no início da década de 1990. Atualmente, recebe os cursos do Parfor, com três turmas de Pedagogia e uma de Ciências Biológicas.

Os cursos no interior do Estado são realizados a partir de três programas de interiorização: por meio de recursos próprios da universidade, em parceria com as prefeituras

▲ **Em aula.** Estudantes do núcleo de Xapuri, onde funcionam os cursos de Pedagogia e Biologia

dos municípios e emendas parlamentares; por meio de convênio com o governo do Estado, como é o caso do curso de Matemática (oferecido em Brasileia, Rio Branco, Tarauacá e Cruzeiro do Sul); e por meio do financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível de Superior (Capes), via Parfor, que é um programa oferecido em todos os municípios, exceto Xapuri e Tarauacá.



© Nattércia Damasceno/Ascom-Ufac

▲ **Vistoria.** Reitor Minoru Kinpara e vice-reitora Guida Aquino (centro) visitam obras do campus Fronteira do Alto Acre, em Brasileia

Atrações culturais marcam aniversário da Edufac

Noite de festa contou com apresentações musicais e de teatro, exibição de vídeos, sorteio de brindes e coquetel

Lançamento de edital para publicação de obras inéditas também integrou atividades comemorativas da editora da Ufac

1 MÁRCIO CHOCOROSQUI
chocorosqui@ufac.br

A cultura deu o tom da festa de aniversário da Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac), ocorrida na noite do dia 19 de dezembro passado, no Centro de Convivência do campus Rio Branco. Exposição de ilustrações, apresentações musicais, performance teatral, lançamento de e-book, exibição de vídeos e sorteio de kits contendo camiseta e livro fizeram parte da celebração dos dez anos de existência da editora.

Além disso, como parte dessa atividade comemorativa, a Edufac



© Allen Ferraz /Ascom-Ufac

▲ **Festa.** Servidores, acadêmicos e professores celebram aniversário de 10 anos da Edufac

lançou, em outubro passado, edital para publicação de livros inéditos. Foram dez inscrições na categoria e-books, aberta à comunidade acadêmica e externa, e 22 na categoria obras impressas, destinada à comunidade acadêmica.

Para o diretor da editora, Gilson Mesquita, a adesão ao edital foi um sucesso. A editora de publicações da Edufac, Iracilda Bonifácio, considera importante a iniciativa nessa área. “Dá vazão às necessidades de publicação da academia e, inclusive, da comunidade externa”, disse. “Assim, a editora cumpre o seu papel ao atender essa demanda.”

A Edufac foi criada em 22 de dezembro de 2003, com o objetivo de editar obras de valor científico e cultural. Sua livraria pode ser visitada no Centro de Convivência.

▼ CIÊNCIA

Ufac prepara-se para sediar 66ª Reunião Anual da SBPC

Média de público para evento varia de 8 mil a 10 mil pessoas por dia, entre visitantes, professores, cientistas e estudantes

Durante 6 dias, encontro dispõe de programação científica e cultural que abrange palestras, minicursos e shows musicais

1 MÂRCIO CHOCOROSQUI
chocorosqui@ufac.br

A missão de sediar o maior e mais importante evento da ciência brasileira coube à Ufac em processo de escolha ocorrido no dia 9 de julho de 2011, durante reunião do Conselho Diretor da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Goiânia. Esse grande evento é a 66ª Reunião Anual da SBPC, que ocorre no campus de Rio Branco de 22 a 27 de julho deste ano, com o tema “Ciência e Tecnologia em uma Amazônia sem Fronteiras”.

Desde que foi escolhida como sede da reunião, a Ufac vem realizando discussões de bastidores sobre o evento. Essas discussões se intensificaram a partir de janeiro de 2013, por meio de reuniões preparatórias sobre a organização e a logística desse encontro científico nacional que movimentam o universo acadêmico, a cultura local e a cidade que o acolhe. Espera-se a participação de 4 mil inscritos, sendo 3 mil de fora do Estado do Acre. A estimativa de público circulante por dia é de 8 mil a 10 mil pessoas.

Durante os seis dias do evento, ocorre uma vasta e variada programação científica, com conferências, mesas-redondas, simpósios, encontros, exposição de pôsteres, minicursos e oficinas. Além disso, há uma programação cultural na área da música, do teatro, do cinema e do artesanato.

Oportunamente, esse evento de repercussão nacional e internacional ocorre no ano em que a Ufac comemora 50 anos de história e 40 anos de federalização. A instituição tornou-se federal no dia 5 de abril de 1974, pela lei nº 6.025. Porém, considera-se como sua origem a Faculdade de Direito, criada em 25

de março de 1964, pelo decreto estadual nº 187.

Atividades permanentes

Por padrão, além da programação científica, todas as reuniões anuais da SBPC contam com uma programação permanente, integrada pelas atividades denominadas “Sessão de Pôsteres” e “Jornada Nacional de Iniciação Científica (JNIC)”; “SBPC Jovem e Mirim”; “SBPC Cultural”; e “Expo T&C”. Confira suas descrições:

Sessão de Pôsteres e JNIC: constituem oportunidades para que professores do ensino superior, básico ou técnico, estudantes de universidades ou mesmo do ensino médio e profissionalizante exponham e apresentem seus trabalhos, mediante aprovação e inscrição prévia.

SBPC Jovem e Mirim: destina-se a estudantes do ensino básico. Têm por objetivo despertar o interesse dos jovens por ciência, tecnologia e inovação.

SBPC Cultural: envolve o meio artístico, com atividades culturais que enfatizam a expressão regional. Sua programação é composta por shows musicais, exibição de vídeos, apresentação de peças de teatro, mostra de dança, feira de produtos artesanais etc.

Expo T&C: trata-se de uma mostra de ciência, tecnologia e inovação, feita em estandes. Reúne centenas de expositores, entre universidades, institutos de pesquisa, instituições governamentais, agências de fomento e organizações interessadas em apresentar novas tecnologias, produtos e serviços.

No caso da Sessão de Pôsteres e da JNIC, os trabalhos devem seguir normas de inscrição e normas de submissão de resumos. As normas de inscrição incluem pagamento de taxa, o que dá, ao inscrito, direito a programação impressa, bolsa e crachá; certificado on-line de participação geral; matrícula on-line em minicurso; e submissão de até dois



▲ **Planejamento e motivação.** Reitor Minoru Kinpara discursa no 1º Encontro Preparatório, ocorrido em janeiro de 2013

“

O Acre vai ser vitrine para o Brasil nas discussões em ciência e tecnologia e isso contribuirá para o desenvolvimento das pesquisas científicas em toda a região Norte

Minoru Kinpara
reitor

resumos para análise.

Essas e outras informações mais detalhadas podem ser consultadas no site oficial do evento: www.sbpcnet.org.br/riobranco.

Dia da Família na Ciência

“O acreano pode ter certeza de que a Ufac, com todos os seus parceiros, e a SBPC vão dar o melhor de si para fazer deste evento o melhor dos últimos anos”, disse a presidente da SBPC, Helena Nader, em sua visita à Ufac em outubro do ano passado. Ela aproveitou para anunciar novidades do evento. “Queremos trazer a família para a universidade no fim de semana”, informou, referindo-se ao chamado “Dia da Família na Ciência”.

Segundo ela, será uma oportunidade para mostrar que a ciência está no dia a dia de todos. Essa atividade, com eventos na SBPC Jovem e na Expo T&C, tem por objetivo chamar a atenção da família e do público em geral para a Reunião Anual, tornando-a mais popular. Isso motivou outro fato inédito: a mudança do dia da semana em que a reunião se inicia. Antes, iniciava-se num domingo; nesta edição, começará na terça-feira e se encerrará no domingo.

O secretário-geral da SBPC, Aldo Malvasi, que acompanhou Helena na visita, também mencionou a relação da universidade com a comunidade externa. “Chegou o momento de a população perceber o quanto a universidade é importante”, comentou. “Finalmente, em 2014, terá a presença de pesquisadores, estudantes e profissionais de todo o mundo, além de muitas outras novidades”.

SBPC Indígena

Constará na programação da 66ª Reunião Anual um espaço para debates sobre questões referentes aos povos indígenas. Essa atividade foi batizada de “SBPC Indígena”, outra novidade para esta edição do evento. Temas como ciência, educação e saúde indígenas estão na lista de

propostas para discussão. Também haverá oportunidade para apresentações musicais e realização de rituais de índios do Brasil, da Bolívia e do Peru. É nesse sentido que se prevê, ainda, um “Encontro Transfronteiriço de Povos Indígenas” desses três países.

Associações científicas estrangeiras

Entre as novidades, inclui-se a participação no evento de associações científicas estrangeiras. Integram essa liga para o progresso da ciência a Associação Chinesa para a Ciência e a Tecnologia (China Association for Science and Technology — Cast); a Associação Europeia para a Ciência (EuroScience — ES); o Congresso de Associações de Ciência da Índia (Indian Science Congress Association — Isca); e a Associação Americana para o Avanço da Ciência (American Association for the Advancement of Science — AAAS). Haverá, ainda, a participação de cientistas renomados da América Latina.

Organização

Desde o início de 2013, a Ufac se prepara para sediar, em Rio Branco, a 66ª Reunião Anual da SBPC, por meio de reuniões promovidas pelas comissões e subcomissões instituídas para organizar e dar suporte ao evento. A Comissão Executiva Local (CEL), presidida pela vice-reitora Guida Aquino, articula os contatos numa rede de setores responsável pela realização e funcionalidade da reunião.

Guida enfatiza a parceria com a Comissão Executiva Central (CEC) da SBPC. “Essa comissão nos ajuda bastante, já que tem o ‘know-how’ de 65 anos na organização do evento”, disse. “Tudo o que decidimos é apresentado à CEC, que dá o aval para execução das ações de organização”.

Fazer a reunião acontecer implica numa série de providências relacionadas à infraestrutura, como montagem de espaços e preparação de salas, além de manutenção e limpeza; alojamento, hospedagem e alimentação; transporte e recepção; segurança e trânsito; informática e equipamentos audiovisuais, entre outras coisas.

A Secretaria Geral da CEL está instalada numa sala equipada com um pequeno auditório para uso de projeção de slides, mediante “datashow”; mesa de reunião e computadores com acesso à internet. É o local onde comissões e subcomissões convergem para propor e discutir estratégias de organização. A vice-reitora expressa-se feliz pela Ufac ser a anfitriã desse evento: “É uma grande responsabilidade e, com certeza, vai impactar a discussão de ciência e tecnologia tanto no Estado como internamente na nossa universidade”.

O reitor Minoru Kinpara tem reiterado que o Estado vai ser o centro das atenções da comunidade científica e da mídia nacional. “O Acre vai



◀ **Visita.** Helena Nader e Aldo Malavasi, presidente e secretário-geral da SBPC, estiveram na Ufac para acompanhar organização da 66ª Reunião Anual; foram recepcionados pela vice-reitora Guida Aquino (à dir.)

Queremos trazer a família para a universidade no fim de semana

Helena Nader
presidente da SBPC



▲ **Design.** Elementos regionais ilustram cartaz oficial da 66ª Reunião Anual

ser vitrine para o Brasil nas discussões em ciência e tecnologia e isso contribuirá para o desenvolvimento das pesquisas científicas em toda a região Norte”, ressaltou. “Queremos fazer o nosso melhor para proporcionar uma boa impressão aos visitantes de todo o país”.

Como obra de infraestrutura na Ufac, destaca-se a construção do Centro de Convenções, em frente ao Teatro Universitário. Prevê-se, ainda, a ampliação do Restaurante Universitário (RU). Pintura de prédios e blocos, restauração de calçadas e troca do piso de passarelas (com o objetivo de melhorar a acessibilidade), bem como climatização de salas de aula também assinalam mudanças visíveis no campus de Rio Branco.

Cartaz

A arte gráfica do cartaz da 66ª Reunião Anual foi concebida pela Subcomissão de Comunicação Visual do evento. Foram escolhidos elementos regionais para ilustrar a Amazônia Continental, presente em nove países da América Latina. Verificam-se, na imagem, elementos cotidianos de tecnologia, da ciência e da cultura regional incorporados à riqueza da floresta e sua biodiversidade.

Também foi idealizada uma malha exata de 66 linhas, que fazem alusão ao número de edições da reunião. Linhas e colunas são conectadas por pontos e setas, expressando a ideia de disseminação do conhecimento que será gerado.

Participação e inscrições

O acesso à 66ª Reunião Anual é aberto ao público em todas as atividades, exceto em minicursos. Quem desejar fazer a inscrição para o evento terá direito a programação impressa, bolsa e crachá; certificado on-line de participação geral; matrícula on-line em um minicurso (vagas limitadas). As inscrições para

essa modalidade se encerram no dia 10 de julho. Devem ser feitas no site www.sbpnet.org.br/riobranco.

O que é a SBPC?

Segundo informações do site www.sbpnet.org.br, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) é uma associação civil, sem fins lucrativos, sem caráter político-partidário e religioso, com sede em São Paulo-SP. Foi fundada em 8 de julho de 1948, por um grupo de cientistas e entusiastas da ciência. Sua criação seguiu os parâmetros de entidades do mesmo tipo que já existiam em outros países.

Já em sua fundação, a SBPC contava com 265 sócios, um número que, desde então, continuou crescendo. Hoje, conta com mais de 6 mil sócios ativos, entre pesquisadores, professores, estudantes e pessoas dos mais diversos interesses ou, simplesmente, amigos da ciência, ou seja, aqueles cujo desejo é contribuir com o avanço da ciência no Brasil.

Conforme suas similares estrangeiras (americana, argentina, britânica e francesa), a SBPC não é uma associação exclusiva de cientistas e técnicos, pois não se exige nenhum pré-requisito ou qualificação técnica para ingresso como sócio. Atualmente, sua Diretoria e seu Conselho são compostos, em maioria, por cientistas brasileiros, mas isso não é uma obrigatoriedade.

Ações promovidas

As atividades realizadas pela SBPC cumprem a finalidade de pôr em prática seus objetivos. Em geral, esses objetivos gravitam em torno do estímulo ao avanço científico e tecnológico e do desenvolvimento educacional e cultural do Brasil. A SBPC exerce uma importante função no sentido de expandir e aperfeiçoar o sistema nacional de ciência e tecnologia, e de divulgar e popularizar a ciência no país.

Estudante da Ufac destaca-se nas artes plásticas

ILUSTRAÇÃO

Igor Ricardo, do 4º período de História, aprimorou seus estudos artísticos na Usina de Arte João Donato



► **Autorretrato.** Igor Ricardo concebe a representação artística de si mesmo

Desenhos e ilustrações são formas pelas quais jovem artista expressa sensações inspiradas pelo surrealismo

1 MÁRCIO CHOCOROSQUI
chocorosqui@ufac.br

Em muitos cursos de graduação da Ufac encontram-se estudantes talentosos não somente no ramo científico, mas também na área da arte. Propensos a diversificadas formas de manifestação artística, esses jovens destacam-se na música, no canto, na literatura, no teatro e nas artes plásticas, enquanto prosseguem com seus estudos em seus respectivos cursos.

Igor Ricardo, 21, estudante do 4º período do curso de História (bacharelado) é um desses talentos encontrados no meio acadêmico. Em seu caso, com destaque para a atividade nas artes plásticas, especificamente no campo do desenho e da ilustração. Apesar da pouca idade, Igor já trilha um caminho rumo à profissionalização nesse meio. Interessado em estudar mais a fundo o assunto e aprimorar sua arte, ele procurou, no final de 2008, o curso de artes plásticas da Usina de Arte João Donato, onde, em mais de dois anos, participou de duas turmas.

Na usina, teve a oportunidade de aprender maneiras diferentes de desenhar e várias técnicas, como a xilogravura, a pintura digital e o estêncil. Também foi aluno de professores renomados da arte nacional. Entre eles, Fernando França e Roberto Medeiros, que, em 2012, ministraram-lhe a oficina “Ilustração: Introdução ao Universo das Histórias em Quadriões — Produção de Revistas”; além de André de Miranda, com oficina de xilogravura; Davi Calil e Julia Bax, com ilustração; Dalmir Ferreira, com história da arte no Acre, entre outros.

Ainda na Usina de Arte, Igor participou de exposições coletivas ao final dos cursos e teve ilustrações suas que, no formato de banner, integraram o cenário da peça “Inservíveis ou da Inutilidade das Coisas deste Mundo e de Outros”, promovida pela Fundação Elias Mansour (FEM) e produzida pelo núcleo de formação da usina em parceria com o Grupo XIX de Teatro. O espetáculo ficou em cartaz na usina durante o mês de setembro de 2012.

Fora do padrão estético

“Procuro explorar um estilo com desenhos distorcidos, abordando vários temas”, define Igor. “Quero gerar uma estética visual que proporcione,

ao mesmo tempo, sensação de prazer e de estranhamento”. Segundo ele, observadores de sua arte a consideram um tanto louca ou bizarra. O jovem artista refere-se ao surrealismo de suas criações, estilo que toma como inspiração, juntamente com o pós-impressionismo e artistas como Van Gogh e Salvador Dalí.

Para ele, seu trabalho encerra uma crítica à estética do belo e da perfeição, que valoriza as formas retilíneas, sóbrias e equilibradas. Em suas ilustrações, há espaço para imagens distorcidas e irregulares, em desacordo com um padrão de beleza definido e com o culto à forma venerado pela tradição ou por artistas clássicos. “Também procuro expressar uma crítica sintonizada com os acontecimentos cotidianos, transmitindo, de alguma forma, mensagens sobre problemas da nossa realidade”, complementa.

Igor, cujos primeiros rabiscos surgiram na infância, quando assistia a desenhos animados, lembra que, para chegar a construir seu estilo, fugindo do mero retratismo ou realismo, teve que passar por esses estilos e estudá-los, por recomendação de seus professores. “Para distorcer é preciso conhecer, antes, a forma, o que me levou a estudar anatomia humana, noções de luz e sombra, entre outras coisas”, diz. “Quando temos essa base, podemos criar nosso próprio ponto de vista na arte”.

Os trabalhos artísticos de Igor Ricardo começam a ilustrar cartazes e pôsteres de variados tipos de eventos, além de textos deste Ufac Hoje. Também podem ser vistos na internet, pela fanpage do Facebook intitulada “Acre Ilustrado”, criada por um grupo de ilustradores interessados em divulgar seus trabalhos.

Arte dionisíaca e arte apolínea

O filósofo Friedrich Nietzsche, em sua obra “A Origem da Tragédia” (1872), trata da oposição entre arte dionisíaca e arte apolínea. Essa diferenciação é baseada na mitologia grega, por meio do perfil de Dioniso, Deus do Vinho, e Apolo, Deus da Luz e da Beleza.

Dioniso carrega em si a simbologia da desobediência à ordem e à medida, pela exaltação dos impulsos do instinto, da liberdade e do prazer ilimitado. Seus seguidores, em estado de embriaguez dionisíaca, livravam-se da máscara social e expressavam suas verdadeiras personalidades. É esse espírito que se nota, por exemplo, em manifestações de festas do Carnaval. Baseada nessa descrição está o tipo de arte dionisíaca, que privilegia o disforme, a desordem, a irregularidade e o excesso, com espaço para o que há de feio e grotesco na realidade.

Já Apolo personifica a perfeição, a busca obsessiva pela forma contida, equilibrada e harmoniosa. Seu mundo é marcado pela sobriedade e retidão. Na arte apolínea não há espaço para distorções e fealdade; tudo deve ser belo, racional e compreensível. Além disso, ela é fundamentada no sonho, na imaginação e na ilusão, com um otimismo radical. Os estilos clássico e realista enquadram-se nesse conceito. Por outro lado, os estilos barroco e surrealista enquadram-se na arte dionisíaca.

“**Para distorcer é preciso conhecer, antes, a forma, o que me levou a estudar anatomia humana, noções de luz e sombra, entre outras coisas**

Igor Ricardo
estudante de História

PALEONTOLOGIA

Laboratório de Paleontologia é destaque do campus Floresta

Desde 2005, a Ufac, em Cruzeiro do Sul, dispõe de fósseis, trabalhos acadêmicos e projetos em paleontologia

Fósseis de peixes, répteis, mamíferos e invertebrados, coletados em 8 anos de atividades, são armazenados no laboratório

J. FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

Criado em 2005, por iniciativa da professora Karen Adami, o Laboratório de Paleontologia do campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, já se transformou numa das referências amazônicas nesse campo de estudos. Prova disso são as múltiplas visitas que escolares do município fazem a duas salas onde as peças fósseis estão armazenadas, além dos vários artigos científicos produzidos pelos pesquisadores locais.

Desde 2010 o laboratório é coordenado pelo professor Francisco Ricardo Negri, doutor em Zoologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Ele divide seu tempo enquanto pesquisador com a docência e a orientação de trabalhos acadêmicos e científicos no Centro Multidisciplinar (CMult) do campus Floresta, onde atua, em três turnos, nos cursos de licenciatura e bacharelado em Biologia.

“Nesses oito anos de atividades ininterruptas nós conseguimos coletar, em diversos sítios, inúmeras peças fósseis de peixes, répteis, mamíferos e invertebrados, além de evidências indiretas, como, por exemplo, fezes fossilizadas de animais que viveram na região do Juruá nos períodos mioceno médio-superior, que vai de 7 milhões a 16 milhões de anos, e pleistoceno, que vai de 10 milhões a 2 milhões de anos”, explicou Negri.

Nem tudo, porém, já se encontra devidamente catalogado. “É um trabalho para muito tempo ainda. Como temos uma equipe pequena, só conseguimos catalogar, até agora, 35 espécimes. O que temos, entretanto, nos tem permitido desenvolver uma série de atividades, como aulas práticas das disciplinas de Paleontologia e Geologia, bem como minicursos durante semanas acadêmicas”, acrescentou o professor.

Além de Ricardo Negri, fazem parte da equipe do Laboratório de Paleontologia bolsistas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): Andreia Cristina Costa, Maria da Glória de Melo Sara e Samira Sou-



Arquivo/Ricardo Negri

za Silva (biólogas). Além de bolsistas do Programa Pró-Estudo: Fabiano Silva, Jônatas Damasceno, Keila Roberta Silva, Maria Fabrícia Lima, Larissa Moura e Wiliam Batista.

Trabalhos acadêmicos e projetos

Cinco estudantes de Biologia desenvolvem, hoje, seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) a partir do material existente no Laboratório de Paleontologia do campus Floresta. Confira:

Maria Fabrícia Gomes Lima: levantamento da fauna fóssil de um sítio paleontológico no município de Tarauacá;

Karoline de Paula Freitas: descrição de uma tartaruga fóssil encontrada no alto rio Juruá;

Marcilene da Costa Maciel: distribuição dos mamíferos ao longo dos sítios fossilíferos do alto rio Juruá;

Maria Regiane Abrel de Oliveira: estudo da coleção de vertebrados atuais depositados no laboratório de paleontologia do campus Floresta;

Wiliam dos Santos Batista: identificação do grupo de caranguejos fósseis depositados na Coleção Paleontológica do Laboratório de Paleontologia.

No que diz respeito ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic), dois trabalhos foram apresentados em 2013:

- “Estudo das condições de preservação e sistemática da coleção de vertebrados fósseis do Laboratório de Paleontologia do campus Floresta”, de Karoline de Paula Freitas;
- “Estudos das condições de preser-



Francisco Dandão/Ascom-Ufac

Em ação. Professor Ricardo Negri, doutor em Zoologia pela PUC-RS, trabalha em processo de restauração

vação e sistemática da coleção de vertebrados atuais do Laboratório de Paleontologia do campus Floresta”, de João Damaceno Filho.

Quanto aos projetos institucionais, atualmente existem dois em desenvolvimento:

- “Biocronoestratigrafia e Paleocologia com Base no Potencial Fossilífero do Cretáceo-Neógeno da Bacia do Acre, Vale do Juruá, Amazônia Sul-Occidental”;
- “Bolsa de Apoio Técnico na Preparação de Fósseis e Curadoria de Coleções Paleontológicas Vinculadas a Projeto em Desenvolvimento no Laboratório de Paleontologia, campus Floresta, Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul, Acre”.

Sítios e perspectivas

Vinte e cinco sítios paleontológicos já foram identificados até o presente momento no Vale do Juruá. Ricardo Negri cita, como principais, os seguintes: Morro do Careca, na BR-364, entre Tarauacá e Feijó; Torre da Lua, no rio Juruá, em Marechal Thaumaturgo; Pedra Preta, no rio Juruá, em Marechal Thaumaturgo; Serra do Divisor, ao longo do rio Moa; e Fazenda Paraguá, nas barrancas e salões do rio Juruá.

Quanto às perspectivas futuras do laboratório, Negri disse que existe, em médio prazo, a pretensão de organizar uma exposição permanente no campus Floresta. “Fora isso, em longo prazo, pretendemos criar um museu de ciências naturais, que seria um local onde a comunidade cruzeirense poderia conhecer elementos do passado florístico e faunístico da região”, concluiu ele.



Nesses oito anos de atividades ininterruptas nós conseguimos coletar, em diversos sítios, inúmeras peças fósseis de peixes, répteis, mamíferos e invertebrados

Ricardo Negri
professor da Ufac no campus Floresta



livros e
ideias

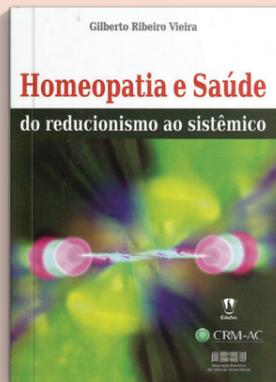
Francisco Dandão

Homeopatia e Saúde: do Reduccionismo ao Sistêmico

Autot: Gilberto Ribeiro Vieira
Editora: **Edufac**

Trinta anos de exercício de homeopatia vivenciados pelo médico e professor universitário Gilberto Ribeiro Vieira é o que será encontrado pelo leitor nas páginas deste livro, lançado em julho de 2013, sob o selo da Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac), com o apoio do Conselho regional de Medicina do Acre (CRM-AC).

No conjunto, trata-se de um livro cuja abordagem foge às diretrizes tradicionais da literatura sobre o assunto. Ao contrário disso, diz o autor, propõe nova compreensão "no tocante a aspectos fundamentais,



a exemplo da chamada lei dos semelhantes e dos contrários, da diluição, do significado da agravação e das leis de cura".

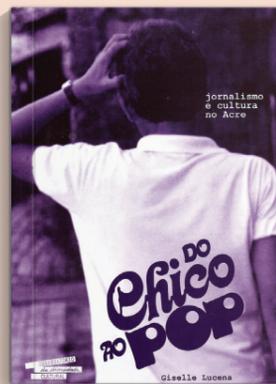
Uma obra, enfim, que realça a importância da homeopatia como especialidade capaz de contribuir para a compreensão do homem como unidade mente-corpo.

Do Chico ao Pop

Autora: Giselle Lucena
Editora: **Observatório da Diversidade Cultural**

O livro é uma adaptação da monografia apresentada pela autora para conclusão do curso de Jornalismo na Ufac, em 2009, traçando uma espécie de biografia do ativista e agitador cultural Francisco Ventura Filho, o Chico Pop, que durante anos manteve uma coluna sobre cultura no jornal "O Rio Branco".

A linha mestra da narrativa, entretanto, não se debruça apenas sobre o personagem principal. A partir dele, Giselle Lucena aproveita para traçar um painel da própria cultura acreana, principalmente dos anos de 1970 e 1980, com as suas manifestações e eternos embates contra a censura imposta pelo Estado brasileiro.



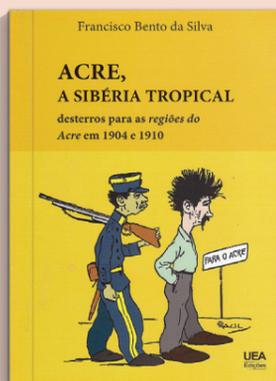
Em síntese, talvez se possa dizer que o livro, além do mais, tem um mérito fundamental: o de reunir memórias da arte acreana que se encontravam dispersas por aí.

Acre, a Sibéria Tropical

Autor: Francisco Bento da Silva
Editora: **UEA Edições**

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Francisco Bento da Silva passou quatro anos debruçado sobre a questão dos desterrados adotados pelo governo federal, no começo do século 20, quando a tônica do poder era enviar os indivíduos tidos como indesejáveis no Rio de Janeiro para o então território do Acre.

O resultado da longa pesquisa, que inicialmente se materializou sob a forma de tese de doutoramento, sai agora em livro, com o título "Acre, a Sibéria Tropical: Desterrados para as Regiões do Acre em 1904 e 1910", pelo selo da UEA Edições, financiada pelo Governo do



Estado do Acre, com recursos da Fundação Elias Mansour.

Trata-se de um livro que desvela uma parte da história do Brasil, de modo geral, e do Acre, de maneira particular, de quase nenhum conhecimento público até então.



O começo do fim do mundo

◀ **MÁRCIO CHOCOROSQUI**

Ilustração New 11uminati/Flickr



Fonte: www.flickr.com/photos/67194724@N03/1296861875/

Há um filme cujo nome chega a impor dificuldade de pronúncia: "Koyaanisqatsi" (1983), dirigido por Godfrey Reggio. Esse longa-metragem termina com uma inscrição na qual se lê este trecho: "Um vaso cheio de cinzas poderá um dia cair do céu; poderá queimar a terra e agitar os mares." Trata-se de uma profecia apocalíptica da tribo indígena norte-americana Hopi, a respeito de uma extinção cíclica dos homens, talvez causada pela queda de um meteoro ou asteroide.

O título do filme, aliás, escrito na língua hopi, significa "vida desequilibrada e louca, em confusão, desintegrando-se". Em consonância com a mitologia dessa tribo, o filme transmite a mensagem, sem utilizar diálogos ou locução, de que não estamos vivendo da maneira correta. Ou seja, a vida moderna está descontrolada, demasiadamente veloz, influenciada pela tecnologia e pelo capitalismo. É preciso viver de outra forma, senão a vida se consumirá.

Por um lado, cientistas não descartam o fim da humanidade ocasionado por um fator extraterreno, de modo idêntico ao que ocorreu com os dinossauros, 65 milhões de anos atrás, quando foram extintos devido à queda de um asteroide gigantesco, de até 15 quilômetros de extensão. Embora essa possibilidade seja bastante remota para os próximos séculos, há estudos e projetos científicos em andamento com o intuito de prever tal catástrofe (das universidades de Oxford e Cambridge e da Nasa).

Por outro lado, a humanidade pode se autodestruir, em decorrência de seu grande potencial bélico. O século 20 conheceu instrumentos para preservar, estender e aprimorar a vida, por força da ciência e da tecnologia. Mas conheceu também instrumentos para destruí-la. E deu exemplo de que isso pode acontecer, no final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando bombas atômicas foram lançadas e explodiram sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, o que, estima-

se, ocasionou, em longo prazo (pelos efeitos da radiação), a morte de aproximadamente 300 mil pessoas.

Isso não é tudo. Vez por outra, desastres climáticos ocupam os noticiários e informam sobre a morte de centenas de pessoas, seja por alagações, terremotos, maremotos, furacões ou tsunamis. Diante de casos assim, espectadores mais velhos costumam exclamar: "É o fim do mundo!" Pessoas que, pela idade e experiência, já presenciaram e vivenciaram diversos acontecimentos históricos surpreendem-se com o que assistem agora. Também ficam chocadas com parcelas de "fim do mundo" em atrocidades e violências do cotidiano que revelam ser o homem capaz de empreender as mais absurdas barbaridades contra seu próprio semelhante e contra si mesmo.

É certo que há possibilidades reais e físicas de uma extinção em massa da vida na Terra, conforme prognosticam pesquisadores e cientistas: possivelmente daqui a milhões (ou bilhões) de anos, em virtude de causas oriundas do espaço, ou a qualquer hora, em virtude de catástrofes climáticas (ocasionadas pelas incessantes agressões do homem à natureza ao longo das épocas). Já a chance de uma guerra nuclear, apesar de ter preocupado mais no passado, não significa que esteja descartada atualmente (dados da ONU dão conta que mais de dez ogivas nucleares de oito países estão prontas para uso).

Portanto, há risco de a humanidade acabar, sobretudo num futuro muito distante. Será o fim do mundo! Mas há de se considerar um fim do mundo simbólico que está acontecendo neste exato momento, pelo qual a vida se desintegra e se corrompe a cada instante, no dia a dia. Aquele que está em cada partícula de qualquer mazela social. Está na intolerância religiosa e falta de respeito entre os indivíduos. Está na inflexibilidade entre as nações, na violência, na imensurável quantidade de acidentes de diversos tipos. Está na corrupção política, na fome, na miséria, nas guerras... Está na imposição pela força bruta e pelo terror. Em tudo isso reside o que, se não é o fim do mundo de fato, pode ser considerado um começo.

◀ Redator e revisor de texto da Ufac; professor de Português e Literatura.



Essas e outras obras estão à venda na Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac), localizada no campus universitário Rio Branco, em bloco anexo à Biblioteca Central.

ARTE

Um panorama do movimento cultural na Ufac

Professor iniciou carreira no meio teatral do Sudeste, onde exerceu diversas funções, de contrarregra a diretor

J. FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

Há seis meses responsável pela direção de Arte, Cultura e Integração Comunitária da Ufac, setor da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proex), o carioca Flávio Lofêgo da Encarnação, professor de Artes Cênicas na própria instituição, abriu generosamente um espaço em sua apertadíssima agenda para uma proveitosa conversa com o Ufac Hoje, principalmente sobre a sua trajetória profissional e sobre as perspectivas da produção e difusão tanto de produtos quanto de ações culturais no âmbito universitário. Nas linhas que seguem estão reproduzidos os principais trechos dessa conversa.

Ufac Hoje — Qual sua trajetória profissional, no que diz respeito ao seu envolvimento com as atividades culturais?

Flávio Lofêgo — Comecei no teatro amador em minha cidade natal, o Rio de Janeiro, aos 12 anos de idade. Me profissionalizei ainda adolescente e logo percebi que minha vocação era para a direção teatral. Minha formação se deu nos palcos, e não na academia. Busquei aprender o máximo que pudesse sobre teatro, trabalhando em diversas funções. Além de ator, fui contrarregra, produtor, assistente de direção, iluminador e diretor técnico sob a direção de vários nomes importantes do eixo Rio-São Paulo, entre eles, José Celso Martinez Corrêa e Roberto Talma. Durante o governo Collor de Mello, o teatro brasileiro viveu uma grave crise, e eu acabei indo ganhar a vida em outras áreas: produção de shows, agências de publicidade, agências de modelo — em qualquer lugar que pagasse bem e onde eu pudesse usar os conhecimentos adquiridos no teatro, que dá uma formação muito sólida. Até entrar na Ufac, em 2009, eu prestei serviços esporádicos nessas áreas. Em 1994 comecei a dirigir e a dar aulas de teatro. Tive a sorte de trabalhar em instituições fantásticas, como a Escola de Teatro Martins Pena, no Rio de Janeiro, e a Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música Fafi, em Vitória-ES. Muitos atores jovens, que hoje brilham nos palcos e na TV, passaram por minhas aulas ou pelas peças que dirigi, entre eles, mais famosos pelo seu trabalho em televisão, os atores Selton Mello, Heitor Martinez e Cacau Melo. Só em 1997, com quinze anos de carreira, decidi fazer um curso de graduação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), onde me formei no bacharelado em Artes Cênicas com habilitação em Direção Teatral.

Ufac Hoje — Como e em que momento se deu o seu convite para o trabalho com arte e cultura na Ufac?

Flávio Lofêgo — O professor Minoru [reitor Minoru Kinpara] me convidou para assumir o cargo logo após a sua posse, me incumbindo da missão de fazer a arte e a cultura desempenharem um papel de destaque na humanização da Ufac. Ele disse

que queria a universidade povoada de atrações artísticas, atraindo também a comunidade externa.

Ufac Hoje — Qual era a estrutura que existia no setor antes da atual administração? O que é que vinha sendo feito no que diz respeito à arte e à cultura na Ufac até então?

Flávio Lofêgo — A área de cultura da Pró-Reitoria de Extensão estava sob responsabilidade de pessoas muito capazes, que fizeram um trabalho importante no apoio às atividades artísticas e culturais dos cursos de Artes Cênicas e Música da Ufac. Eles criaram o “Edital Pró-Cultura”, que viabilizava bolsas para estudantes envolvidos em projetos de extensão ligados aos conhecimentos abordados pelos cursos da área de artes. Esse edital ainda é um modelo, e pretendemos reeditá-lo brevemente, com algumas inovações. Creio que a principal diferença entre o trabalho no setor, antes da atual administração e o que fazemos agora, é que a Reitoria atual nos orientou para fazer da cultura uma ponte com a comunidade externa da Ufac. E isso vem nos possibilitando trazer para dentro da Ufac as instituições e os fazedores de cultura que, antes, não eram nossos parceiros, além de oferecer opções de lazer para o público em geral.

Ufac Hoje — E, mais de um ano depois que você e a gestão atual entraram, o que já foi feito?

Flávio Lofêgo — A Ufac está no caminho de reforçar a posição de referência na arte e na cultura de nosso Estado. Começamos convocando a comunidade universitária e colaboradores potenciais para debater sobre o papel da cultura na instituição e sobre a criação de uma política cultural no encontro “Um Dia para a Cultura”. A partir desse encontro, as portas se abriram. Trouxemos para dentro do campus Rio Branco as conferências de cultura do Estado e do município, com diversas apresentações de teatro e música. Estabelecemos parcerias que possibilitaram a realização de eventos importantes, como os Painéis Funarte de Regência Coral, que atraíram participantes de vários municípios acreanos e de outros estados. Tivemos, também, a Mostra Cinema pela Verdade, o Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade e o Festival de

Teatro Fetac [Federação de Teatro do Acre] em Cena. Ainda temos apoiado eventos de estudantes e estamos nos articulando com outras universidades, com o Ministério da Cultura e com as fundações Garibaldi Brasil e Elias Mansour para ampliar as parcerias e possibilitar uma ação ainda mais impactante.

Ufac Hoje — Com respeito aos próximos três anos de mandato da atual administração, quais são os principais projetos a serem desenvolvidos?

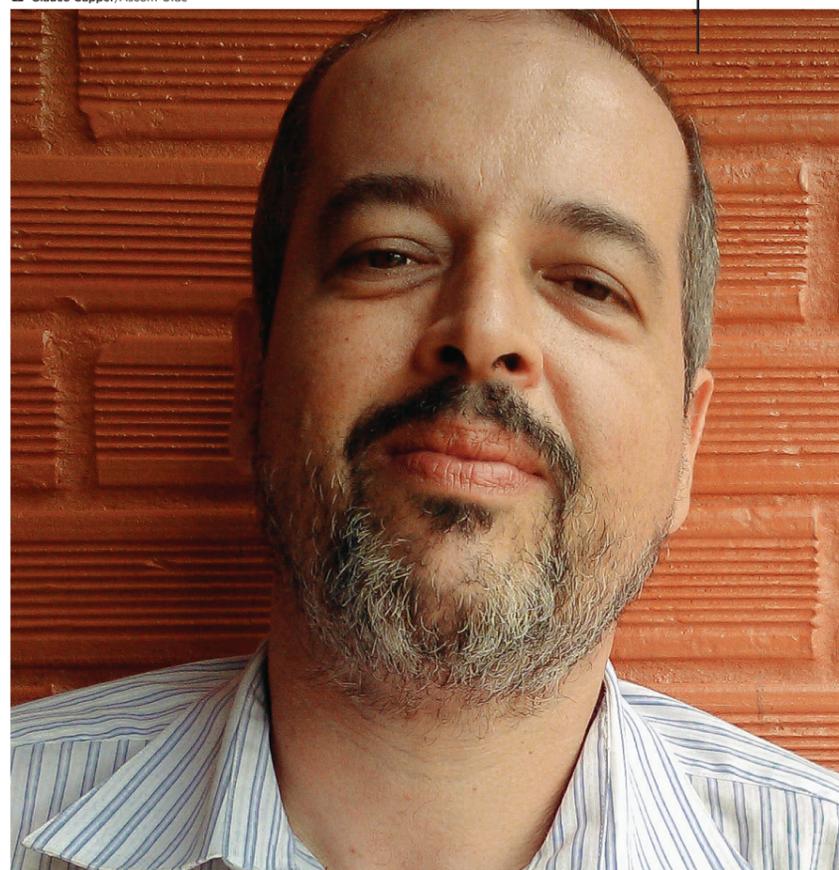
Flávio Lofêgo — A 66ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que acontecerá em julho de 2014, na Ufac, num ano em que comemoraremos 40 anos da federalização e 50 anos de história da instituição, será certamente um marco para a cultura em nossa universidade. O evento inclui uma programação de atrações culturais locais, a SBPC Cultural, que produziremos junto com a Fundape [Fundação de Apoio e Desenvolvimento ao Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária no Acre]. Esperamos que a atenção que o evento vai despertar possa atrair também parcerias com a iniciativa privada que viabilizem uma programação extensa de música, teatro e artes visuais, reunindo os mais importantes nomes acreanos nessas áreas. Estamos estudando a criação de dois núcleos extensionistas: um de música instrumental, que deverá ser o primeiro passo para a criação de uma Orquestra Universitária, e outro de canto coral, que abrigará o Coral da Ufac, já em atividade. Outros grupos musicais e de teatro estão surgindo a partir do trabalho de pesquisa e extensão dos professores das áreas de artes (e até mesmo de outras áreas, pois temos vários talentos artísticos em outros cursos), e tentaremos munir os espaços culturais da universidade com equipamentos de iluminação e sonorização para abrigar e divulgar essas produções. Pretendemos, também, levar mais eventos ao campus Floresta, em Cruzeiro do Sul, e aos núcleos existentes nos municípios. Já estamos elaborando uma programação de oficinas de teatro e música e um cineclube, que deverá funcionar em caráter permanente no Teatro Universitário do Moa. Nosso objeti-

Flávio Lofêgo

Ator, iluminador, diretor de teatro, produtor e gestor cultural, professor universitário...

Diretor de Arte, Cultura e Integração Comunitária da Proex fala sobre realização de eventos artístico-culturais na universidade

Glauco Capper/Ascom-Ufac



vo é trazer a cultura produzida fora da universidade para dentro dos “campi”, mas também levar o que é produzido aqui para fora, apoiando excursões que divulgarão externamente o trabalho que realizamos aqui na Ufac.

Ufac Hoje — Você acha que dará para atingir essas metas? O que é mais difícil de executar dentro dessas metas almejadas?

Flávio Lofêgo — São metas ambiciosas, e as verbas não são abundantes. Então temos que utilizar nossa criatividade para concretizar esses sonhos. A ideia de levar para fora do Estado as produções da comunidade universitária esbarra no alto custo dos transportes aéreos em nossa região, mas esperamos poder contar com o apoio de instituições parceiras para isso. A compra de equipamentos para o Teatro Universitário e para o anfiteatro Garibaldi Brasil é provavelmente o item mais caro de nosso planejamento, mas esperamos poder convencer as autoridades do Ministério da Educação da urgência e pertinência desse projeto. O resto de nossa programação deve ser mais fácil de realizar, visto que a Reitoria e as pes-

soas em posições-chave na administração são, hoje, sensíveis em relação à importância dessas iniciativas para o futuro da Ufac.

Ufac Hoje — Por último, Flávio, explique a importância da arte e da cultura para o mundo dito “pós-moderno”, este tempo que a gente vive hoje de presentificação perpétua, onde passado e futuro parecem não ser levados muito em conta.

Flávio Lofêgo — O pintor suíço Paul Klee uma vez disse que o coração da criação artística estava localizado próximo aos mortos e aos não nascidos. A frase não é exatamente essa, mas esse é o sentido. O lugar da arte é entre a tradição do passado, que nos conecta com nossas raízes, e o movimento da inovação, que nos leva para a frente através da ruptura e da rebeldia. Sem essas pontes que a arte e a cultura nos proporcionam, nós não temos como enxergar o panorama completo de nossa existência, nos tornamos vítimas impotentes, incapazes de decidir para onde ir. E, como escreveu Clarice Lispector, a direção é mais importante do que a velocidade.

▼ ENSINO

Tese em educação analisa conceitos de vida e morte

Estudo objetivou construir um perfil conceitual de morte e verificar abordagem do 'ciclo da vida' na escola

2 escolas de 7ª série do ensino fundamental foram objetos de estudo na disciplina de ciências para compor doutorado

1 FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

Um mergulho nos conceitos da morte e da vida foi essencial para a elaboração da tese de doutorado em Educação da professora Aline Andréia Nicolli, do Centro de Educação Letras e Artes (Cela) da Ufac. Apresentada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a tese intitula-se “Perfil Conceitual de Morte e a Abordagem Pedagógica do Ciclo da Vida, no Ensino de Ciências”.

De maneira mais específica, o estudo que foi registrado na tese resultou de uma pesquisa que teve como objetivo geral a tarefa de realizar a construção de um perfil conceitual de morte e a identificação da interferência da abordagem pedagógica desenvolvida pelos professores para a temática “ciclo de vida”, no ensino de ciências, no ensino fundamental, para a tomada de consciência das zonas desse perfil.

Sobre a importância da utilização da ideia de “conceitual” tratado na tese, Aline afirmou que este “comporta a noção de que um conceito pode ter uma diversidade de significados usados de acordo com um contexto e que, por conseguinte, para garantir o sucesso do processo de ensinar e aprender, ao planejar uma determinada abordagem pedagógica, o professor deverá considerar essa diversidade”.

Do ponto de vista da operacionalização do trabalho, foram, inicialmente, adotados dois procedimentos: a elaboração de um questionário de coleta de dados e a busca de um referencial teórico sobre a questão. Depois disso, o passo seguinte tratou de realizar as análises empíricas, através das quais se tornou possível proceder à identificação das respectivas zonas do perfil e à localização destas em termos teóricos.

A partir desses procedimentos, explicou Aline, “foi possível identificar para o conceito de morte, na teoria e na empiria, três zonas: naturalista, religiosa e relacional”. A primeira exprimiria a morte como fenômeno organicista. A segunda trataria a morte como resultado de uma vontade divina. Enquanto que a zona relacional evidenciaria a morte como uma fatalidade, algo que não deveria existir.

“Admitindo-se que existe uma diversidade de zonas para um conceito, faz-se necessário assumir a necessidade de escolarização desse conceito, além da multiplicidade de abordagens que passarão a compor os processos de ensinar e de aprender, mas sem superficializar ou relativizar a função pedagógica das instituições educacionais ou o processo da aquisição do conhecimento”, afirmou Aline.



o leitor encontrará aspectos da metodologia de ensino utilizada quando do planejamento e da abordagem pedagógica da unidade ‘ciclo da vida’, desenvolvida em duas turmas de 7ª série



© Natércia Damasceno/Ascom-Ufac

O percurso da tese

Para completar a sua tese, Aline Nicolli precisou escrever quatro capítulos, cujos títulos, pela ordem, foram os seguintes: “Da história do conceito de morte e dos elementos para a construção do perfil conceitual”; “Da metodologia da pesquisa: a construção de um perfil conceitual de morte”; “As zonas do perfil conceitual de morte” e “Da evolução das zonas do perfil conceitual de morte à escolarização do conceito”.

Nos dois primeiros capítulos são apresentados os aspectos históricos a respeito do tema da morte, bem como a sua abordagem em diferentes áreas de saber, principalmente nas ciências biológicas e da saúde (biologia e medicina) e nas ciências humanas (filosofia, sociologia e psicologia), além dos aspectos metodológicos apropriados pela autora durante o desenvolvimento da pesquisa.

Nos capítulos três e quatro são apresentados os dados empíricos que permitiram o reconhecimento das diferentes zonas que constituem o perfil conceitual da morte, seja em âmbito acadêmico, seja em âmbito escolar, além de uma análise sobre a evolução desses perfis, considerando os períodos de um mesmo curso e as comparações, considerando a distinção de gênero, entre os diversos perfis obtidos na pesquisa.

“No último capítulo”, acrescentou Aline, “o leitor encontrará aspectos da metodologia de ensino utilizada quando do planejamento e da abordagem pedagógica da unidade ‘ciclo da vida’, desenvolvida em duas turmas de 7ª série, no ensino fundamental, e encontrará, também, uma análise sobre as implicações dos dados analisados no que se refere a aspectos dessa mesma abordagem pedagógica”.

▲ Doutorado.

Professora Aline Nicolli, do Centro de Educação, Letras e Artes da Ufac

Mudanças na forma de pensar os conceitos de vida e morte

Entre as conclusões às quais chegou a doutora Aline Nicolli na sua pesquisa, destaque para duas. Primeira, a de que a abordagem pedagógica desencadeada pelo professor, em sala de aula, promove mudanças acentuadas no modo de pensar dos alunos sobre a questão. E, segunda, a de que é preciso desenvolver ferramentas que promovam encontros de conceitos entre os diversos atores educacionais sobre o tema.

“É pautado no reconhecimento da heterogeneidade dos conceitos e de suas respectivas abordagens que sugerimos a realização do planejamento e da abordagem pedagógica de conceitos científicos, como o do ciclo de vida e de morte, no ensino de ciências, em termos de três considerações, todas abordadas durante o trabalho: condição humana; encontro com o outro; e respeito à diversidade”, afirmou Aline.

“Pensamos que a consideração dessas três orientações”, continuou ela, “são absolutamente necessárias para a facilitação das discussões sobre as distintas configurações que determinados conceitos científicos podem assumir ao longo da vida de cada sujeito. Ou seja, entendemos que os conceitos abordados no ensino de ciências, no que diz respeito à vida e à morte, precisam ser urgentemente repensados”.

Em síntese, o que propõe a tese de Aline é que as três orientações citadas é o que se configura mais próximo do ideal em termos de planejamento e abordagem pedagógica dos conceitos de morte e vida, no ensino de ciências. De acordo com a professora, esse é o melhor caminho para o reconhecimento de que os diferentes significados ensejados pelo tema não são inferiores ou superiores ao científico.